ISSN 2594-9063

https://doi.org/10.30681/traos.v10i1.15330

INOUE, Miyako. *Vicarious language: gender and linguistic modernity in Japan*. Berkeley: University of California Press, 2006. 344 p.

Marcelo Módolo
Universidade de São Paulo

A ideia de que homens e mulheres falam de maneiras diferentes tornou-se um dos pressupostos mais difundidos dos estudos sobre linguagem e gênero. Em diferentes tradições teóricas, pesquisadores buscaram descrever essas diferenças, medir sua frequência ou explicar os valores sociais a elas associados. Em *Vicarious Language: Gender and Linguistic Modernity in Japan*, Miyako Inoue parte de uma pergunta distinta. Em vez de investigar diretamente como as mulheres falam, procura compreender como se formou historicamente a própria noção de que existiria uma maneira especificamente feminina de falar. Dessa inversão de perspectiva nasce um livro que articula antropologia linguística, história cultural, estudos de gênero e teoria social para examinar a constituição da chamada "linguagem feminina japonesa".

Publicado em 2006 pela University of California Press, o livro já pode ser considerado uma referência consolidada nos estudos sobre linguagem e gênero. Seu argumento central é que a chamada *Japanese women's language* não corresponde simplesmente a um conjunto de formas linguísticas utilizadas por mulheres japonesas, mas a uma construção histórica ligada à formação do Estado-nação, à expansão do capitalismo e à experiência particular da modernidade no Japão. Aquilo que frequentemente aparece como expressão espontânea da feminilidade surge, na análise de Inoue, como efeito de processos sociais, políticos e ideológicos bastante específicos.

A relevância da proposta torna-se ainda mais evidente quando situada no interior do próprio campo dos estudos linguísticos. Enquanto boa parte da sociolinguística concentrou esforços na descrição de diferenças entre os falares masculinos e femininos, frequentemente buscando correlacionar formas linguísticas a categorias sociais previamente definidas, Inoue desloca o foco para os mecanismos que produzem essas categorias. Seu interesse não reside em demonstrar empiricamente que mulheres utilizam determinadas formas, mas em compreender como certos usos passam a ser reconhecidos como femininos e quais instituições participam dessa legitimação. Nesse aspecto, a obra aproxima-se da antropologia linguística e da análise do discurso, dialogando diretamente com autores como Michael Silverstein, Michel Foucault e Judith Butler.

A estrutura do livro acompanha essa perspectiva. A primeira parte, dedicada ao período compreendido entre as décadas de 1880 e 1930, reconstrói a genealogia da linguagem feminina japonesa. Contrariando a percepção amplamente difundida de que tal modalidade expressiva constituiria herança de uma tradição secular, Inoue demonstra que ela emerge em contextos profundamente modernos. Um dos pontos centrais dessa discussão é a análise da chamada *schoolgirl speech*, a fala atribuída às estudantes das novas instituições educacionais femininas do final do século XIX. Inicialmente percebida por intelectuais e comentaristas como um fenômeno linguístico desviante, artificial ou mesmo vulgar, essa forma de expressão foi progressivamente reinterpretada e transformada em modelo legítimo de feminilidade. O que mais tarde passaria a ser visto como tradição revela-se, assim, resultado de um processo histórico relativamente recente.

Talvez esteja aí uma das passagens mais instigantes do livro. Ao mostrar que uma forma de fala inicialmente percebida como artificial ou inadequada pôde transformar-se

em símbolo de feminilidade legítima, Inoue obriga o leitor a desconfiar de explicações que tratam categorias linguísticas como heranças naturais ou contínuas da tradição. A questão deixa de ser a origem de uma forma linguística e passa a ser o processo social que lhe confere autoridade.

A análise das revistas femininas ocupa lugar central nessa reconstrução histórica. Inoue mostra que essas publicações não apenas difundiam padrões de comportamento, mas também ensinavam modos específicos de falar, articulando práticas linguísticas, consumo e identidade social. A feminilidade moderna era apresentada como algo que podia ser aprendido, cultivado e consumido. Cosméticos, roupas, objetos domésticos e formas de linguagem integravam um mesmo universo simbólico, associado à ascensão de uma classe média urbana e à consolidação de novos modelos de subjetividade feminina. A linguagem feminina passa, então, a funcionar como índice de respeitabilidade, refinamento e pertencimento social.

A segunda parte do livro dedica-se a um fenômeno recorrente no debate público japonês: os constantes anúncios da suposta decadência ou morte da linguagem feminina. Ao longo do século XX, pesquisas de opinião, reportagens e estudos acadêmicos passaram a registrar preocupação com a perda de determinadas formas consideradas características da fala das mulheres. Em vez de interpretar esse fenômeno como simples evidência de mudança linguística, Inoue o compreende como sintoma das tensões produzidas pela modernidade tardia. O discurso sobre a perda da linguagem feminina revela inquietações mais amplas relacionadas às transformações dos papéis sociais de homens e mulheres, à crescente inserção feminina no mercado de trabalho e às mudanças na estrutura familiar. O que está em jogo não é apenas a língua, mas uma determinada imagem de ordem social.

A terceira parte desloca a análise para o Japão contemporâneo. Com base em pesquisa etnográfica realizada em um grande ambiente corporativo de Tóquio, Inoue examina as práticas linguísticas de mulheres que ocupam posições administrativas e gerenciais. A observação das interações cotidianas permite demonstrar que a linguagem feminina continua operando como recurso social relevante, embora de maneira muito mais flexível e estratégica do que sugerem os modelos normativos. As falantes mobilizam formas associadas à feminilidade, evitam-nas ou as reformulam de acordo com contextos específicos de interação. O resultado é uma imagem bastante distante das descrições homogêneas tradicionalmente associadas à categoria. A linguagem feminina aparece, antes, como repertório socialmente negociado e continuamente reconfigurado.

Talvez a principal contribuição teórica da obra esteja justamente na recusa das explicações essencialistas. Inoue questiona a tendência de tratar a relação entre língua e gênero como reflexo direto de diferenças naturais entre homens e mulheres. Para a autora, a própria percepção dessas diferenças deve ser analisada historicamente. A questão deixa de ser "como as mulheres falam" para tornar-se "como determinadas formas passam a ser reconhecidas como femininas". Trata-se de uma mudança de perspectiva cujas implicações ultrapassam amplamente o caso japonês.

Não é difícil perceber a fecundidade dessa abordagem para outros contextos. Também em tradições linguísticas como a brasileira, frequentemente se naturalizam associações entre formas de falar e identidades sociais que poderiam ser examinadas a partir da mesma perspectiva histórica proposta por Inoue.

Ao mesmo tempo, a autora evita transformar o Japão em uma exceção cultural. A experiência japonesa é analisada como uma forma específica de modernidade, permitindo compreender fenômenos locais sem recorrer a explicações essencializantes ou à ideia de uma singularidade histórica absoluta. Nesse sentido, o livro dialoga com debates mais

amplos sobre as múltiplas formas de vivência da modernidade fora do eixo europeu e norte-americano.

Um dos aspectos mais consistentes do livro é a articulação entre diferentes escalas de análise. A autora conecta processos macro-históricos — como nacionalização, escolarização, urbanização e expansão capitalista — às práticas linguísticas observadas no cotidiano. A linguagem feminina aparece simultaneamente como categoria metalinguística, tecnologia de subjetivação e produto de processos históricos mais amplos. A análise evidencia como questões aparentemente restritas ao uso da língua participam da constituição de formas específicas de pertencimento social, identidade nacional e experiência da modernidade.

Nem todos os leitores, contudo, reagirão da mesma forma às escolhas metodológicas da autora. A força do livro está justamente na reconstrução histórica e discursiva do objeto, mas essa mesma escolha faz com que certas questões propriamente linguísticas permaneçam em segundo plano. Embora Inoue discuta formas e usos associados à feminilidade, o foco principal recai sobre os processos históricos que tornam essas formas reconhecíveis como femininas. Quem espera encontrar uma descrição detalhada dos mecanismos gramaticais envolvidos na diferenciação de gênero talvez considere esse aspecto menos desenvolvido. Soma-se a isso a intensa interlocução com autores do campo pós-estruturalista, que, embora intelectualmente produtiva, torna a leitura mais exigente para pesquisadores habituados a abordagens sociolinguísticas de perfil mais empiricista.

Essas observações, entretanto, não diminuem a relevância do trabalho. Ao contrário, ajudam a situá-lo com maior precisão. O objetivo de Inoue não é oferecer uma descrição exaustiva da gramática da linguagem feminina, mas compreender as condições históricas que tornam possível a existência dessa categoria. Sob esse aspecto, o livro alcança plenamente seus objetivos e oferece uma contribuição significativa para os estudos da linguagem.

Para linguistas, antropólogos, historiadores da cultura e pesquisadores dos estudos de gênero, *Vicarious Language* permanece uma leitura fundamental. Embora centrada no caso japonês, a obra oferece instrumentos analíticos aplicáveis a diferentes contextos socioculturais. Sua principal lição consiste em mostrar que categorias aparentemente evidentes — como "fala feminina", "fala masculina" ou mesmo "língua nacional" — não devem ser tomadas como realidades naturais, mas como construções históricas produzidas e legitimadas por relações de poder.

Quase vinte anos após sua publicação, o livro continua a ocupar posição relevante nos debates sobre língua, gênero e modernidade. Sua contribuição mais duradoura reside na demonstração de que a chamada linguagem feminina não pode ser compreendida como simples reflexo de diferenças naturais entre homens e mulheres, mas como resultado de processos históricos de padronização, nacionalização e produção de subjetividades. Mais do que oferecer respostas definitivas sobre a linguagem feminina japonesa, *Vicarious Language* permanece relevante por obrigar o leitor a reconsiderar as perguntas que costuma fazer sobre língua, gênero e identidade. Poucos estudos conseguem mostrar com tanta clareza que aquilo que frequentemente tomamos como dado — uma variedade linguística, uma identidade de gênero ou mesmo uma tradição nacional — é também produto de disputas históricas e formas específicas de poder.